



Povos Originários em foco...

O tema Povos Originários propiciou reflexões interessantes que, em certa medida, vieram como resultado do embate de forças das palavras que o compõem. Desde nativo ou indígena, a palavra originário também significa primitivo, descendente ou procedente, ou aquilo que é conservado desde a sua origem. Pois este volume contempla tais significados. Vejamos como isto se dá.

Iniciamos com o artigo de Ramón Alexander Uzcátegui, que trata da escolarização de povos indígenas da Venezuela. Uma série de dados apresentados pelo autor mostram aspectos da memória educativa na Venezuela, bem como especificidades da escolarização de indígenas lá empreendida.

Ana Paula Gilaverte e Flávio Caetano da Silva tratam das etnias indígenas no imaginário de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, de uma escola pública no município de Poços de Caldas, MG, no Brasil. A pesquisa relatada no artigo valeu-se de História Oral, com recorte para estudos do cotidiano e análise de fragmentos de discurso presentes em entrevistas, como estratégia metodológica.

Narrativas dos moradores do Estado de Roraima, situado na Amazônia brasileira, denominado pelos tradicionais habitantes Terra de Macunaíma, são apresentadas e analisadas por Huarley Mateus do Vale Monteiro e Marcos Antonio dos Santos Reigota.

Práticas e reflexões de professores indígenas, relativas à saúde e à sexualidade, das etnias Kadiwéu, Kinikinau e Terena, são apresentadas por Maria Leda Pinto, Léia Teixeira Lacerda e Luciane Pinho de Almeida. O relato compõe resultado de pesquisa intitulada Educação, Corpos e Culturas na Fronteira: Análise da Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis realizada nas Escolas Indígenas do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1997-2010).

A cultura e a experiência de luta do povo Chiquitano, no Estado do Mato Grosso do Sul, são relatadas por Edson Caetano e Marília de Almeida Silva. Os autores tratam das experiências de luta desse povo diante do processo de sobreposição aos direitos humanos que está levando à dizimação dessa etnia. No entanto, este movimento também “ressignifica a



produção da vida indígena como possibilidade de emancipação humana plena na superação desses limites”, como mencionam os autores.

As modalidades de vivência construídas por mulheres camponesas de um assentamento rural da região de Sorocaba, no Estado de São Paulo, assentamento este fruto de reforma agrária e organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do Brasil, são apresentadas e analisadas em artigo de Mariana Luciano Afonso e Rosemeire Aparecida Scopinho.

Também, adentrando a seara da comunicação, o tema envolve a comida em sua dimensão comunicativa, no artigo de João Eudes Portela de Sousa e Antonia Nilene Portela de Sousa, que trata de práticas alimentares como reveladoras de traços identitários do povo ibiapabano, da região norte do Estado do Ceará. Paulo Celso da Silva e Luciana Coutinho Pagliarini de Souza apresentam o movimento de “Iracemas”, permeando a literatura e a música, na construção de processos de identidade nacional.

Cristina Balieiro, Dimas A. Künsch, José Eugenio de Oliveira Menezes, Marcelo Lobato e Monica Martinez mostram aspectos compartilhados do imaginário coletivo construído com Exu, Ganesha, Hermes e Toth, originariamente parte integrante das tradições religiosas africana, indiana, grega e egípcia, respectivamente. Adentrando a seara da psicanálise, na perspectiva junguiana, Malena Segura Contrera, trata de Crono e o complexo paterno. Os dois artigos levam assim o significado de originário para além de nativo ou indígena.

Anunciados os artigos, em linhas gerais, vamos à entrevista. Concedida por Adir Casaro Nascimento, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado - da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), de Mato Grosso do Sul, na entrevista intitulada A educação e o indígena no Brasil, encontramos informações relevantes sobre o estado da pesquisa sobre educação escolar indígena. A entrevistada enfatiza que o “comportamento em geral dos brasileiros, sem generalizar, é uma visão estereotipada e preconceituosa” e que há “um processo de construção destes estereótipos pela escola, pelas instituições que promovem a inferiorização e subalternização, de certa forma, a satanização da diferença.”

Na resenha Terra de índio..., do livro Terra de índio: imagens em aldeamentos do império, de Marta Amoroso, Adalto Vieira Ferreira Júnior explica que a autora apresenta “reflexões a partir de pesquisas desenvolvidas ao longo de vinte anos pela antropóloga. O



consistente *corpus* documental e a condição de novidade de boa parte dele permite a autora fazer interpretações poucas vezes realizadas pelas pesquisas que investigam a política indigenista no século XIX e as dinâmicas de funcionamento dos aldeamentos indígenas” e, por fim, o resumo da dissertação de Erika Kaneta Ferri complementa as reflexões ora apresentadas, nos artigos, na entrevista e na resenha, com esclarecimentos sobre o caminhar das políticas públicas de ações afirmativas na educação superior para indígenas.

Esperamos que a leitura seja prazerosa e informativa o suficiente para que os leitores e pesquisadores, em geral, visitem a página da Revista de Estudos Universitários (REU). Agradecemos aos autores, pareceristas e integrantes das comissões pela contribuição para que este volume pudesse ir ao ar.

Maria Ogécia Drigo

Editora da REU